

Exposição "Heitor dos Prazeres é meu nome": Fabulações Poéticas da Presença Negra nos Museus e nos Espaços de Arte¹

Nutyelly Cena de Oliveira
Museu Nacional- PPGAS/UFRJ
Doutoranda em Antropologia Social

Luzia Gomes Ferreira
Universidade Federal do Pará
Doutora em Museologia

Resumo: Nesta experiência, discutimos nossa visita como duas museólogas e antropólogas negras à exposição "Heitor dos Prazeres é meu nome", com curadoria de Pablo León de la Barra, Raquel Barreto e Haroldo Costa, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), na cidade do Rio de Janeiro/RJ, no período de 28 de junho a 18 de setembro de 2023. Destacamos, assim, a vida e a beleza negra de Heitor dos Prazeres. Para aprofundar essas questões, compartilharemos nossas reflexões como mulheres negras em diálogo com as propostas metodológicas de autoras como Rosane Borges, Saidiya Hartman, Christina Sharpe, Denise Ferreira da Silva e bell hooks.

Palavras-chaves: Artes Visuais. Racialização. Práticas Negras. Exposição. Olhar Opositor.

Fabulações das curadorias negras nos museus e nos espaços de arte

Nos últimos anos, pudemos acompanhar a radicalidade de uma prática negra por meio de uma vasta gama de exposições, curadorias e artistas negros e negras, cujos trabalhos foram reconhecidos através de temas de diversidade em exposições temáticas, prêmios, bienais como a Bienal de São Paulo (2023), Bienal de Veneza (2024), o Prêmio Pipa, entre outras iniciativas, bem como por meio de exposições e aquisições nas principais instituições de arte em todo o Brasil. Esses sucessos foram acompanhados e, em grande medida, possibilitados por um desenvolvimento paralelo dentro das próprias instituições museológicas: a ascensão de um grupo radical de curadores/as negros/as que recusam e superam os padrões curatoriais tradicionais e

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

expandiram a capacidade das instituições artísticas para reconhecer² o trabalho de um grupo cada vez mais diverso de artistas.

As práticas curatoriais foram influenciados nos últimos anos por um pensamento de poética negra ou de uma tradição de pensamento radical negro. Isso resultou em uma série de trabalhos, pensamentos, ações e vocalizações diferentes de um certo cenário global da arte contemporânea. Segundo Denise Ferreira da Silva, esse movimentos, marcaram este lugar de criação ou acentuação de uma diferença sem separabilidade (FERREIRA DA SILVA, 2019),

O que está em disputa é o que precisará ser renunciado para conseguirmos libertar a capacidade criativa radical da imaginação e dela obtermos o que for necessário para a tarefa de pensar o mundo outra mente, nada menos que uma mudança radical no modo como abordamos matéria e forma. Ora, uma série de artistas têm trazido e proposto essas mudanças radicais do modo como se aborda matéria e forma. (FERREIRA da SILVA, 2019, p.37).

Dessa forma, mobilizam e expõem a racialidade, fraturando a transparência e permitindo a expressão das violações da colonialidade no cenário contemporâneo artístico. Esse é um marco de uma cena que vem se transformando por esse arsenal de pensamento de ações de artistas e curadores.

Entretanto, Saydia Hartman (2018) destaca em *"Refusal and Radical Hope"*³ que entre as formas de recusa, o pessimismo ou recusa não é o mesmo que desesperança, mas é uma recusa em acreditar ou investir nas mesmas instituições que geraram a crise (HARTMAN, 2018). A partir disso, como ao observar as práticas em coletividade e que muitos desses processos desses artistas e de outros tantos têm despertado o interesse e a cobiça a vigilância a participação do mercado de instituições e espaços que até anteontem, não os reconheciam enquanto sujeitos e sujeitas? Talvez por assim dizer da relação com colonialidade e a racialidade que é a criação de hierarquias, a criação de práticas de exclusão esses mesmos espaços que até anteontem excluía de maneira sistemática e deliberada, hoje vários deles se apresentam não só como interessados e “decoloniais” nesse processo, mas como porta vozes.

Posto a reflexão sobre as curadorias, precisamos ainda realizar reflexões sobre esses dois movimentos, ou seja, o quanto que esse pensamento radical tem sido uma matriz e uma motriz para o desenvolvimento de uma série de trabalhos que hoje

²Compreendemos aqui que, nas últimas décadas, houve um deslocamento significativo do campo estético em direção à política e micropolíticas nas Histórias das Artes e Histórias das Exposições, especialmente no Brasil. Este movimento está intrinsecamente refletindo uma mudança na dinâmica social e cultural do país. Com a expansão econômica, aumento do apoio às artes, mais prêmios, bolsas e criação de espaços museológicos, observamos que se estendeu também ao ambiente universitário, onde as cotas raciais desempenham um papel crucial na promoção das Políticas de Ações Afirmativas.

³ Veja em <https://www.youtube.com/watch?v=XXQqyzTP1zU> Acesso em 14/03/2024

oxigenam o cenário contemporâneo global da arte contemporânea e ao mesmo tempo como esses trabalhos estão sempre negociando ou na risca ou no risco de uma apreensão, de uma subordinação. E nisso, pensar a estética de uma tradição radical negra é imaginar a recusa aos códigos da subalternidade e brancura.

Com isso, o desejo de permanecer ilegível, na rasura, na quebra, nos parece como uma preocupação para a cena artística contemporânea brasileira, há uma geração de artistas e curadores preocupados e ao mesmo tempo em uma trincheira onde se está, mas não só desde a cena do contexto artístico, mas também no contexto acadêmico com um pensamento crítico radical que demanda incorporação aos museus e departamentos, que por sua vez ainda esvaziam o projeto do seu conteúdo crítico e depois destroem, porque na verdade, são sempre espaços impermanentes. Tal como no enfrentamento da sujeição, ações contemporâneas envolvem, por sua vez, os movimentos coletivos de reparação e justiça, incluindo as estratégias racializadas como formas alternativas de se relacionar num contexto de capitalismo racial.

Heitor dos Prazeres a recusa como agenciamento de sua própria imagem

Neste contexto, queremos destacar a exposição de curta duração "*Heitor dos Prazeres é meu nome*", com curadoria de Pablo León de la Barra, Raquel Barreto e Haroldo Costa, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), na cidade do Rio de Janeiro/RJ, no período de 28 de junho a 18 de setembro de 2023. Esta exposição foi uma homenagem ao renomado artista Heitor dos Prazeres, reconhecido como uma figura proeminente da expressão artística negra no Brasil. A mostra não só apresentou as obras e a trajetória do artista, enfatizando seu papel na luta e resistência da comunidade negra no país, mas também incorpora elementos poéticos e narrativos que revelam a presença negra em espaços museológicos e cenas artísticas.

Ao visitarmos essa exposição juntas em agosto de 2023, percebemos que a vida e beleza negra de Heitor dos Prazeres, como compositor, instrumentista, poeta e pintor, foi retratada na mostra que incluíram as paisagens pintadas pelo artista, retratando cenários do norte fluminense ruralizado, a formação dos subúrbios e das favelas, e cenas rurais do início do século XX, correspondentes às atuais zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro.

A curadoria ao abordar materiais de arquivos, documentos como fonte para a representação histórica e visual das pessoas negras, especialmente a de Heitor dos

Prazeres, consideramos a importância do pensamento da intelectual bell hooks, especialmente sua elaboração acerca de um olhar opositor (HOOKS, 2019), como uma forma de recusa às omissões e violências ordinárias de ser aprisionado pela supremacia branca e abrir caminho para a fabulação de narrativas de futuro por meio de novas imagens.

De maneira semelhante, a pensadora Saidiya Hartman, nesse contexto, demonstra a capacidade de contornar a violência imposta pelo arquivo colonial ao criar o método da fabulação crítica. Ela destaca a importância de vislumbrar a beleza como um momento de possibilidade, questionando se a beleza pode oferecer um antídoto para a desonra e se o amor pode ser uma forma de resgatar vozes silenciadas e reviver os que foram esquecidos (HARTMAN, 2020b, p. 16). Esses aspectos revelam-se essenciais para uma compreensão mais profunda da expressão artística negra, evidenciando parte do percurso expositivo traçado pela curadoria. Segundo a intelectual negra, Rosane Borges, o discurso do reconhecimento surge como um produto da modernidade e da busca por novos e diferentes modelos de representação e visibilidade destinados a grupos historicamente marginalizados (BORGES, 2016, online).

Aqui, destacamos a importância de compreender, especialmente por meio dessa exposição, os modos discursivos, artísticos e comunicacionais de resistência às imagens coloniais de controle que historicamente se proliferaram (COLLINS, 2019). Heitor, juntamente com outros artistas, integra um grupo que desafia e propõe novos modelos de significação para si mesmos e suas experiências em uma sociedade que constantemente revisita o passado e reforça práticas de subalternidade. Ao questionar esse contexto, Heitor não apenas expressa sua resistência em uma busca criativa pela construção independente de novos caminhos, mas também pela recusa e recriação de espaços seguros para o refúgio.

Outra intelectual importante, Christina Sharpe, também nos oferece um olhar para os processos sociais e históricos, com o objetivo de nos fazer refletir sobre como contar uma história capaz de se opor à violência da abstração (SHARPE 2023a, p. 24). Considerando a beleza como método de acordo com Sharpe (2023b): “E mais, de que é feita a beleza? Atenção sempre que possível, a um tipo de estética que, sempre que possível, escapou a violência [...]” (SHARPE, 2023b, p. 36), neste trabalho também propomos buscar a beleza das vidas negras refletidas na exposição *"Heitor dos Prazeres é meu nome"*. A beleza aqui é considerada um direito incondicional a insubmissão e como uma recusa ao sistema das imagens de violências.

REFERÊNCIAS:

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representações do outro. In: BORGES, Rosane; BORGES, Roberto Carlos da Silva (org.). Mídia e Racismo. Petrópolis, RJ: Dpet Alii; Brasília: ABPN, 2012. (Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates).

BORGES, Rosane. Política, imaginário e representação: uma nova agenda para o século XXI. Blog da Boitempo, 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/02/16/politica-imaginario-e-representacao-uma-nova-agenda-para-o-seculo-xxi/>. Acesso em: 14 de março de 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

FERREIRA da SILVA, Denise. A Dívida Impagável e a Poética Negra Feminista. Online. 2021. Conferência Especial promovida pelo Comitê de Pesquisa "Sociologia da Arte". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8cqAbfXH3b0&t=5823s>>. Acesso em: 14 de março de 2024.

FERREIRA da SILVA, Denise. Sobre diferença sem separabilidade. 32ª Bienal de São Paulo (2016). Disponível em: <<https://issuu.com/bienal/docs/32bsp-catalogo-web-pt>>. Acesso em: 14 de março de 2024.

HARTMAN, Saidiya. LECTURE Refusal and Radical Hope. YouTube, 14 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XXQqyzTP1zU>>. Acesso em: 14 de março de 2024.

HARTMAN, Saidiya. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Trad. José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Scenes of Subjection: Terror, Slavery, and Self-Making in Nineteenth-Century America. New York: Oxford University Press, 1997.

HARTMAN, Saidiya. Tempo da escravidão. Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 10, n. 3, p. 927-948, 2020. Trad. Carolina Nascimento De Melo. Disponível em: <<https://doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.4>>.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. Trad. Marcelo R. S. Ribeiro e Fernanda Silva e Sousa. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>>.

HOOKS, bell. Olhares Negros, Raça e Representação. Editora Elefante. 2019

SHARPE, Christina. No Vestígio: Negridade e Existência. São Paulo: Ubu Editora, 2023a.

SHARPE, Christina. Algumas notas do dia a dia. Tradução de Jess Oliveira. 1ª ed. São Paulo: Fósforo, 2023b.